

## **Além das Arquibancadas: Costumes, Hábitos e Tensões Sociais entre os Clubes de Futebol na Década de 20.**

Hugo da Silva Moraes \*

**Resumo:** O futebol é uma manifestação cultural que transcende os limites do campo e das arquibancadas. No início do século, o seu conteúdo civilizador, educativo, moralizador ditaram os hábitos e costumes de determinado grupo social, na cidade do Rio de Janeiro. No decorrer das décadas de 10 e 20, os clubes de futebol foram agregando outras atividades e eventos. Os torneios esportivos, espetáculos teatrais e cinematográficos, feijoadas, “canjicadas”, “pic-nics” e até mesmo o carnaval agitavam o dia-a-dia dos clubes, propiciando uma relação associativa intensa entre os seus sócios e também entre estes e os membros de outras entidades futebolísticas. Acompanhando todo o processo, encontramos na década de 20 uma chave interessante para discutirmos de maneira pormenorizada as relações sociais dentro e entre os clubes de futebol deste período, percebendo as rupturas e permanências de costumes, hábitos, valores e tensões existentes no meio social.

**Palavras-chaves:** Sociabilidades, Rio de Janeiro, Festas Esportivas.

**Abstract:** Soccer is a cultural manifestation which transcends the boundaries concerning soccer fields and bleachers. In the beginning of the century, soccer's civil, moral and educational aspects dictated habits and customs in a certain group in the city of Rio de Janeiro. Throughout the 1910s and 1920s, soccer clubs were open to other activities and events. Sport competitions, plays and movies, "feijoadas", "canjicadas", picnics and even carnival made soccer clubs alive. Such activities and events favoured intense social relations among soccer clubs' own members, and between their own members and other soccer organizations as well. Through the whole process, we find an interesting issue to discuss, in details, social relations in and among soccer clubs in the 20s, and point out permanence and ruptures of customs, habits and values in society.

**Keywords:** Sociability, Rio de Janeiro, Parties Sporting.

### **I- Introdução: A História Vista de Baixo: Futebol – Distinções e Sociabilidades.**

O estudo do futebol enquanto um campo de análise histórico é cada vez mais fascinante. O fôlego epistemológico em torno deste tema é tão grande que Norbert Elias o configura como um objeto “*com uma identidade própria.*” (ELIAS & DUNNING, 1992:39). Ao mesmo tempo em que é percebido como um campo autônomo, não podemos desconsiderar a possibilidade de o futebol nos proporcionar o estudo mais apurado de uma sociedade. Ou seja, o futebol não pode deixar de ser percebido enquanto uma manifestação

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Faculdade de Formação de Professores. Bolsista - FAPERJ.

cultural importante para a compreensão de uma série de relações sociais características de um determinado período histórico.

Essa abordagem que relaciona futebol e a sociedade é cada vez mais prestigiada por pesquisadores cada vez mais interessados em abrir mão de uma história das elites e das personalidades para dar voz àqueles anônimos que encontram na coletividade uma forma de serem representados. Para tanto as manifestações culturais como o carnaval, o samba, a capoeira e o próprio futebol passam a ser objetos que se enquadram naquilo que chamamos de uma “*história vista de baixo*”, abrindo a “*possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história*” (SHARPE, 1992:54). Esta percepção faz com que seja possível produzir uma história que contemple as pessoas comuns, associadas ou não “*das considerações mais amplas da estrutura social e do poder social*”. (SHARPE, 1992:54).

O interesse pelas pessoas comuns será o eixo fundamental para compreendermos o impacto do futebol nas relações sociais na cidade do Rio de Janeiro na década de 20. Num primeiro momento discutiremos como a introdução deste esporte moderno esteve ligada a construção de uma nova tradição cultural carregada de um conteúdo civilizador, capaz de estabelecer um distanciamento entre os novos grupos abastados da cidade e o restante da população. Este desejo de distinguir-se dos demais fez com que os jogos de futebol ganhassem um status de encontros sociais, provocando o surgimento de novos espaços de sociabilidade.

Num segundo momento analisaremos como estes encontros sociais acabaram se tornando mais populares nos anos 20, o que acabou conferindo a estas reuniões o apelido de “festas esportivas”. Neste momento analisaremos como estes eventos foram manifestações de uma nova gama de representações sociais que ora se distanciavam e ora se aproximavam dos antigos encontros esportivos do início do século promovidos pelos clubes de futebol que reuniam as famílias mais distintas da cidade.

## **II - O Futebol Moderno: Das Tradições inventadas as Festas Esportivas.**

O esporte moderno, como outras manifestações culturais, surgiram na cidade do Rio de Janeiro em finais do século XIX como uma “*tradição inventada*”<sup>1</sup> para forjar uma nova classe dominante e criar em torno da mesma. O cotidiano da cidade carioca foi sendo

---

<sup>1</sup> A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. O Objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. [...] O “Costume”, nas sociedades tradicionais, tem dupla função de motor e volante. [...]” In. Eric Hobsbawn e Terence Ranger (Org.). A Invenção das Tradições. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2006. p 11.

gradualmente transformado com a introdução destas atividades ao ar livre, antes restritas aos passeios em praças e jardins, onde predominava um “[...] domínio ‘da economia de gestos’ [...]” (JESUS, 1997:4) e a ida com uma certa “[...] frequência socialmente obrigatória à missa” (JESUS, 1997:5). Já introduzido no estilo de vida da cidade desde o século XIX as primeiras competições de turfe<sup>2</sup>, atraíram um número considerável de aficionados que assistiam “*corridas onde os jóqueis se apresentavam bem vestidos, em ambientes onde os membros da elite nacional, de origem principalmente rural, podiam exercitar o seu sentimento de distinção [...]*” (MELO, 2001:34). Já o remo foi um esporte que acompanhou de perto as primeiras transformações da cidade do Rio de Janeiro. As atividades náuticas resistiram a inexistência do hábito de se tomar banho em público. De uma atividade de lazer onde “*a utilização de canoas e barcos não estava ligada à realização de competições, mas sim à contemplação do mar e da praia a partir de outro ângulo [...]*” (MELO, 2001:46). Em paralelo com as reformas urbanísticas feitas no litoral da cidade, as competições de remo ganharam espaço entre os grupos mais ricos transformando-se em um dos esportes modernos mais praticados da cidade.

Da mesma forma que o turfe e o remo, o futebol tornou-se uma atividade esportiva que aglutinou um incontável número de adeptos também possibilitando a criação de novos espaços de sociabilidade. Segundo Leonardo Pereira o futebol, antes restrito aos clubes britânicos da cidade<sup>3</sup>, ganhou a simpatia dos jovens cariocas que, passaram a praticá-lo nos colégios da zona sul. No início do século XX surgiram clubes fundados por brasileiros como Rio Foot-Ball Club (1902) e o Fluminense Football Club (1902) que surgiam para uma finalidade: tentar recriar “[...] no Rio de Janeiro um espaço onde pudessem manter os novos hábitos adquiridos no exterior” (PEREIRA, 2001:29).

“A origem inglesa garantiria, assim, às atividades patrocinadas pelos clubes de futebol o caráter de verdadeiros eventos sociais, onde as altas rodas da sociedade carioca celebravam as novidades do Velho Mundo – não só em festas como o ‘smocking-concert’ promovida em 1906 pelos sócios do Fluminense em comemoração ao aniversário do clube, mas também dentro dos estádios onde se realizavam suas partidas.” (PEREIRA, 2001:41)

Para Pereira, o futebol sofreu uma “reinvenção dos sentidos” no Rio de Janeiro. De esporte britânico, bruto e praticado por operários, o jogo de bola serviu para definir uma série

---

<sup>2</sup> “Além de os cavalos já fazerem parte do cotidiano da cidade, o turfe não significava uma ruptura com os hábitos da sociedade no que se refere à repulsa aos esforços físicos”. In. Victor Andrade de Melo. *Cidade Sportiva: Primórdios do Esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001, p.33.

<sup>3</sup> Os primeiros clubes fundados por britânicos no Rio de Janeiro como o Rio Cricket and Athletic Association (1896) e o Paissandú Cricket Club (1892), antes voltados especificamente ao críquete, foram introduzindo o futebol em sua vida social.

de distinções entre as elites e os demais grupos da cidade. Além de provocar esta diferenciação, este processo de *esportivização*, como foi definido por Elias e Dunning, serviu como um instrumento *civilizador* transformando-o em uma atividade eficaz para criar uma *disciplinarização* dos impulsos sociais, fazendo como que a violência, a vadiagem, a imoralidade, os jogos de azar e o analfabetismo, por exemplo, fossem definidos como valores que caminhavam contra a nova ordem social.

No início da década de 20 esse universo sócio-esportivo havia se modificado. O Rio de Janeiro havia experimentado uma torrente de mudanças as quais apontavam para uma valorização de uma nação e de seus costumes mais peculiares. O Modernismo trouxe consigo essa aspiração pelo que é genuinamente nacional o que muitas vezes atravessava a esfera restrita das elites e ganhava terreno nas tradições populares. Neste caso o futebol ainda representaria uma oportunidade de definir distinções sociais, porém, as mudanças sociais ocorridas ao longo das primeiras décadas do século XX fizeram com que o futebol ganhasse elementos de uma cultura popular. Essa *reinvenção dos sentidos* proposta por Pereira ganhava contornos cada vez mais complexos e multifacetados.

Em termos práticos, as manifestações sociais em torno do futebol agregavam a *civilização* com todos os seus modelos disciplinadores e a “massa”, complexa, disforme e culturalmente multifacetada. Para Michael Conniff, esse processo o qual contemplamos no futebol é fruto de uma *horizontalização* das relações sociais na cidade do Rio de Janeiro. Isso se deve as transformações políticas e econômicas ocorridas no início da república. De acordo com o autor o antigo modelo administrativo, preocupado com o bem comum fosse substituído por um Estado Liberal, descomprometido com o *bem comum* e responsável por introduzir uma cultura pautada nos valores de uma sociedade capitalista. Esse modelo político provocou dois fenômenos importantes.

Em primeiro lugar, como uma forma de substituir a ausência do Estado, passaram a surgir inúmeras associações das mais variadas origens e finalidades como orfanatos, associações comerciais, sociedades carnavalescas, sindicatos e clubes de futebol. Em segundo lugar, Michael Conniff define que a sociedade carioca dos anos 20 agregava os seus diversos grupos sociais em quatro *estratos horizontais* ou classes, “[...] a elite, os setores médios, a classe trabalhadora e a classe baixa”. (CONNIFF, 2006:58). A partir desta configuração tanto Conniff como Victor Melo, apontam para a importância do surgimento de uma classe média representada pelo “pequeno burguês, o trabalhador intermediário entre o grande capital e o proletariado, o pequeno empresário, os profissionais liberais” (MELO, 2000:9) capaz de estabelecer uma aproximação entre os grupos sociais o que explica o processo de

popularização do futebol e a sua *reinvenção* descartando a possibilidade de uma ruptura ou a existência de dois universos esportivos, por exemplo.

Especificamente no que tange o campo esportivo, Victor Melo aponta para a importância do surgimento de uma imprensa responsável por promover os jogos e as chamadas festas esportivas colaborando para o aumento de um público cada vez mais entusiasmado com o futebol. Esse fenômeno representaria o que ele chama de “[...] *‘indústria do lazer e do entretenimento’*” (MELO, 2000:14) dando a possibilidade para que os clubes de futebol pudessem encontrar nas seções esportivas um espaço onde poderiam fazer-se representar.

Permanentes ou provisórios os clubes de futebol são espaços onde há uma relação estreita entre vários estratos sociais cada um trazendo consigo valores, costumes e hábitos diferentes. Se nos campos de futebol estas relações quase não são percebidas, as festas esportivas, chamadas assim pelos jornais e revistas que cobriam estes eventos sociais, são espaços aonde estas interações sociais se mostram mais evidentes. De maneira geral em resposta ao contexto sócio-esportivo vivido na década de 20, o conceito de sociabilidade utilizado por Ângela de Castro Gomes acaba se tornando uma ferramenta esclarecedora. *“Mais do que um instrumento analítico e/ou categoria histórica” o conceito de sociabilidade deve ser tratado como “[...] um conjunto de formas de conviver com os pares, como um “domínio intermediário” entre a família e a comunidade cívica obrigatória.”*(GOMES, 1993:63)

Porém cabe-nos uma ressalva. Mesmo pressupondo uma relação mais estreita entre os grupos sociais, a sociabilidade deve ser também compreendida como *“uma rede com o caráter permanente ou temporário, de acordo com os interesses de cada indivíduo”* (GOMES, 1993:63). Portanto, se há uma relação entre grupos sociais existem também uma tensão permanente na busca de uma distinção buscando captar aquilo que Elias chama de *“auto-imagem”* (ELIAS e SCOTSON, 2000:40), uma preocupação que o indivíduo possui em relação *“ao que os outros pensam dele”* (ELIAS e SCOTSON, 2000:40).

Um excelente exemplo eram os bailes promovidos pelos clubes mais tradicionais, rodeados de luxo e suntuosidade, como os famosos bailes do Fluminense F.C., uma das entidades mais tradicionais do Rio de Janeiro, onde se reuniam nos *“salões da confortável sede, como o terraço e o bar, estavam repletos dos mais finos elementos da nossa sociedade”*<sup>4</sup> sempre ao som de excelentes orquestras que ditavam o ritmo das danças “[...]”

---

<sup>4</sup> O Imparcial, 23 de julho de 1922.

*casando-se com grande arte a elegância dos decotes das damas com o rigor das casacas dos cavalheiros [...].*<sup>5</sup> Seguindo o mesmo padrão, o Botafogo F.C. em homenagem ao aniversário do clube promoveu, segundo o jornalista um “[...] *verdadeiro acontecimento social*”<sup>6</sup>, elogiando “[...] *a artística ornamentação de flores naturais [...]*”, o serviço do Buffet que “[...] *esteve irrepreensível*” e a “[...] *excellente orchestra Cícero, que, a todo momento, era muito applaudida.*”

Este mesmo formato de “*soirées dansantes*” era copiado por clubes suburbanos. Como uma forma de distinguirem-se socialmente perante os seus pares. O Americano F.C., clube localizado próximo a Estação de Riachuelo em Piedade, a festa de aniversário promovida pelo clube que, de acordo com o cronista era merecedora dos “[...] *mais rasgados encômios pela sua confecção, em que primou o bom gosto de uma mocidade inteligente e dotada de elogiável civismo e acentuado ardor patriótico [...].*”<sup>7</sup> De forma semelhante aos clubes mais tradicionais da distinta zona sul da cidade, a “*soirée dansante*” organizada pela diretoria do Americano contava com a participação “[...] *de graciosas senhoritas, allunas da escola dramática, que entoaram o hino da independência acompanhadas por uma orchestra de excellentes músicos*”.

Outro fator importante também atribuído as festas esportivas é a possibilidade que os grupos e indivíduos possuem em dialogarem com os mais variados códigos sociais e culturais. Neste jogo das identidades é capaz de tornar as relações sociais mais “*descentradas*” (HALL, 1998:17), mais fluidas e híbridas permitindo aos indivíduos e clubes uma melhor representatividade, prestígio e notoriedade no meio social o qual estão inseridos. Esta característica pode ser percebida em festas esportivas que homenageavam algumas personalidades e lembravam fatos importantes e datas comemorativas. O Bomsucesso promoveu um festival esportivo em homenagem aos seus beneméritos os senadores Paulo de Frontin e Irineu Machado, *políticos influentes na política* da capital, principalmente por participarem da chamada Reação Republicana<sup>8</sup>, um movimento considerado por Marieta de Moraes Ferreira como “*um primeiro ensaio de populismo*” (FERREIRA, 1993:10) contra a política oligárquica imposta por São Paulo e Minas Gerais.

---

<sup>5</sup> O Imparcial, 23 de julho de 1922.

<sup>6</sup> O Imparcial, 15 de agosto de 1923.

<sup>7</sup> O Imparcial, 6 de setembro de 1923.

<sup>8</sup> “A Reação Republicana revelaria na verdade uma intensificação das dissidências interoligárquicas provocada por aqueles setores que não estavam diretamente ligados à cafeicultura e se mostravam insatisfeitos com a política de desvalorização cambial e de endividamento externo destinada a garantir a terceira valorização do café”. In Marieta de Moraes Ferreira. A Reação Republicana e a Crise Política dos Anos 20. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, nº11, 1993, p.11.

Marcante por sua mobilização a *Reação Republicana* reuniu nomes de representantes políticos de outros estados como a Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul, além de personalidades como o Nilo Peçanha político fluminense “*principal liderança no Estado do Rio durante quase vinte anos*” (FERREIRA, 1993:11), Maurício de Lacerda, José Eduardo de Macedo Soares (editor do jornal *O Imparcial*) e Edmundo Bittencourt (proprietário do *Correio da Manhã*). Foram convidadas as grandes personalidades políticas da época, como o presidente da República, “*Prefeito, Câmara dos Deputados, Senado Federal*”, representantes de várias entidades como a “[...] *Associação dos Empregados do Comércio [...], Chefe de Polícia, [...], Embaixador Americano, [...], Força policial [...], Associação dos Empregados Civis, e Escola de Aviação Militar.*” Além da participação da imprensa.

As peças teatrais e os cineteatros, famosos na cidade durante este período, também ocuparam um importante espaço no universo social da cidade. Eram comuns os festivais teatrais em homenagem a clubes, jogadores e aos jornalistas. Organizado por nomes importantes da imprensa carioca como N. Bittencourt, mais conhecido como *K.K. Réco*, um dos colaboradores do jornal *O Imparcial* que escreveu uma “opereta” “*Amor e Folia*” que foi apresentada no “*ellegante cine-theatro América, á praça Saenz Pena*”<sup>9</sup> em homenagem ao América F.C. campeão de 1922. Descrita como uma comédia romântica, a peça é um interessante exemplo que retrata os aspectos multifacetados da sociedade carioca em torno do futebol naquele período. A peça “[...] *que passa do football ao amor pela vitória do America*”<sup>10</sup> tratava dos enlances amorosos de “[...] *um foward tricolor, que sabemos ser o Zezé; o center-half do America, Oswaldinho, e mais um amigo comum [...]*”<sup>11</sup> e a Cecy, filha de uma “viuvinha” chamada Diva. As principais cenas são vividas num baile de carnaval e na casa de Diva, uma residência no bairro da Tijuca.

O mais curioso nesta “opereta” não são os enlances amorosos vividos pelos jogadores e a Cecy e sim, as diferentes representações de jogadores destacadas por *K.K. Réco* durante o desenrolar do espetáculo. Um primeiro aspecto são as relações entre a esfera do trabalho, classes sociais e entidades esportivas e dançantes e como estas são representadas. Rivais, o jardineiro da casa de Diva era “[...] *center-half do Trasmontano F. Club e presidente do ‘Lyrio’ Sociedade Dansante, Carnavalesca e Familiar e [...], Viriato, copeiro de Diva, center-half e secretário do Guarany A. Club, club rival do jardineiro*”. O curioso é que as personagens marcados por suas profissões – jardineiro e copeiro – podem assumir outras

<sup>9</sup> O Imparcial, 9 de fevereiro de 1923.

<sup>10</sup> O Imparcial, 30 de janeiro de 1923.

<sup>11</sup> O Imparcial, 30 de janeiro de 1923.

posições sociais que os distingam mais positivamente dentro dos clubes de futebol e sociedades carnavalescas. Outra observação importante é a peça contempla um universo social popular estreitando uma relação entre os diversos elementos culturais e sociais existentes na cidade.

Entre todos os exemplos o que mais se destaca é o carnaval. Destacada como uma festa popular, os festejos do Momo eram também espaços onde as relações identitárias eram “híbridas” e “descentradas”. Organizado pelo jornal *O Imparcial*, considerado pelo mesmo como “*um pedaço da alma do povo carioca*”<sup>12</sup> o “*préstimo Carnavalesco-sportivo*” foi uma grande manifestação popular em homenagem aos principais acontecimentos da temporada de futebol do ano de 1922. O bloco carnavalesco organizado “*sem o mínimo auxílio monetário do governo*”<sup>13</sup> e que recebeu o apoio do “*Dr. Ferreira Vianna Netto*”<sup>14</sup>, que durante semanas “[...] andou por toda a parte, até mesmo no interior de Jacarepaguá e imediações da praia do Cajuí” contaria com quatro carros e com a participação de “[...] jogadores da nomeada de Marcos, Kunz, Friedenreich, Bianco, Barata, Petioti, [...]” sendo também a participação de “*uma dúzia de Gradins* [...]”<sup>15</sup>. A composição deste carro mostra como o futebol era capaz de romper com alguns paradigmas sociais. Um exemplo são as origens sociais de cada jogador, como os casos do consagrado goleiro Marcos Mendonça, goleiro do Fluminense F.C. campeão da Copa Rocca de 1914 e campeão sul-americano de 1922 pelo Brasil e empresário, Lair Paula Barata, estudante de medicina jogador do América contrastando com a presença do mestiço Friedenreich e uma infinidade de “gradins”<sup>16</sup>, jogadores negros e pobres que ascendiam socialmente através do esporte.

Outras festividades se seguiram agregando elementos da cultura popular muito mais curiosos do que os blocos, bailes e os *réco-récos* vividos durante os festejos do Momo. Alguns clubes reuniam seus jogadores e sócios para atividades em que no final eram premiados com pratos muito característicos de uma culinária popular, como a feijoada oferecida pelas “importantes casas atacadistas [...] Custódio Fernandes e Cia. João Gomes Ferreira” em homenagem ao terceiro time do Vasco da Gama, campeão do torneio da cidade.

“Terminada a partida, foi então servida a feijoada, verdadeira especialidade, tendo até o João Rodrigues da Motta tentado engolir o prato, tão saboroso paladar... Também o Firmino deixou a mesa a lamber os beiços...”

<sup>12</sup> O Imparcial, 27 de fevereiro de 1922.

<sup>13</sup> O Imparcial, 27 de fevereiro de 1922.

<sup>14</sup> Famoso dirigente do C.R. do Flamengo que, no ano de 1922 era o vice-presidente da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, a liga de futebol da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>15</sup> O Imparcial, 27 de fevereiro de 1922.

<sup>16</sup> Gradim era um dos jogadores uruguaios que disputou o campeonato Sul-Americano de 1919 no Rio de Janeiro.



O bom centro trepou na trave do goal e fez um brinde ao cozinheiro...

Brevemente será oferecida uma outra feijoada, mais 'puxada', pelo menos no tempero, ao 2º team, também vencedor do campeonato.

Não há dúvida que a turma do querido grêmio da Cruz de Malta se não existisse era preciso ser inventada. Pelo menos é o que diz o Othello de Souza e, com elle estamos de pleno acordo.”<sup>17</sup>

De maneira muito informal, o jornalista descreve com certo tom cômico todas as particularidades do grande banquete. Representadas como “*Custorandos*” e “*Jogofer*”, os jogadores foram premiados com uma suculenta feijoada “*de lamber os beiços*”, *provocando uma manifestação empolgada do centro vascaíno que “trepou na trave do goal e fez um brinde ao cozinheiro”*. Como o Vasco da Gama outros clubes também faziam da gula uma forma de incentivar seus jogadores, como foi o caso do River F.C., que para atrair a atenção de seus jogadores para um treino, recorreu a “*um suculento angú a bahiana*”, tendo também “*a entrada dos associados no campo [...] permitida sómente com a apresentação do recibo do mêz.*”<sup>18</sup> Em outros encontros esportivos, como por exemplo a comemoração do aniversário do S.C. Everest, é requisitada a presença de uma “[...] *conhecida e estimada bahiana do Estácio D. Chiquinha [...]*”<sup>19</sup> responsável por oferecer “[...] *uma suculenta ‘cangicarda’ de milho branco[...]*” aos sócios do clube dos “*canarinhos*”. E ao terminar a cangicada, “[...] *seguir-se-á incontenti um animado ‘réco-réco’ ao som de pinhos e cavacos, em que vão entrar firmes os irmãos Milton Jangada e Sacrosanto e outros. Para esta animada festa do Everest recebemos gentil convite ao Sr. Xavier de Freitas.*”<sup>20</sup>

### III- Considerações finais.

As festas esportivas, que contagiavam a sociedade carioca entre as décadas de 10 e 20, são importantes para definirmos dois aspectos fundamentais. O primeiro gira em torno da importância do futebol na sociedade carioca dos anos 10 e 20. Considerado um modismo elegante, o futebol penetrou nas camadas mais abastadas da sociedade definindo novos valores e condutas capazes de criar distinções sociais numa cidade que transpirava mudanças.

Em segundo lugar, esta atividade proporcionou o surgimento de novos espaços de sociabilidade além das quatro linhas do gramado e das arquibancadas. As festas esportivas eram representações de um contexto social multifacetado onde os estilos de vida – comportamento, valores e costumes – se contrastavam e ao mesmo tempo se

---

<sup>17</sup> O Imparcial, 1 de agosto de 1922

<sup>18</sup> O Imparcial, 26 de novembro de 1922.

<sup>19</sup> O Imparcial, 30 de setembro de 1922.

<sup>20</sup> O Imparcial, 30 de setembro de 1922.

complementavam. Mais do que um jogo vivido por alguns minutos, o futebol se revela como uma manifestação cultural incorporada ao dia-a-dia das pessoas que residiam no Rio de Janeiro naquela época.

## **Bibliografia**

Fontes Primárias: Jornal *O Imparcial* 1922 e 1923.

**BOURDIEU**, Pierre. *O Poder Simbólico*. 11ª edição. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 2007.

**CONNIFF**, Michael. *Política Urbana no Brasil: A Ascensão do Populismo (1925-1945)*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2006.

**ELIAS e DUNNING**, Norbert e Eric. *Deporte y Ócio en el Proceso de La Civilización*. México D.F., Fondo de Cultura Económica, 1992.

\_\_\_\_\_ e **SCOTSON**, Norbert e John L. *Os Estabelecidos e Outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

**FERREIRA**, Marieta de Moraes. *A Reação Republicana e a Crise Política dos Anos 20*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, nº11, 1993, p.9-23.

**GOMES**, Angela de Castro. *Essa Gente do Rio... Os Intelectuais Cariocas e o Modernismo*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, nº11, 1993, p.62-77.

**HALL**, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 2ªed., Rio de Janeiro, DP&A, 1998.

**HOBBSAWN e RANGER (Org.)** Eric e Terence. *A Invenção das Tradições*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2006.

**JESUS**, Gilmar Mascarenhas. *Construindo a Cidade Moderna: A Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro*. 1997.

**MELO**, Victor de Andrade. *Cidade Sportiva: Primórdios do Esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.

\_\_\_\_\_, Victor Andrade. *Lazer, Esporte e Cultura Urbana: Conexão Paris-Rio de Janeiro – Meio de Transporte: Arte*. Rio de Janeiro, UFRJ. Artigo apresentado no II Seminário do Centro de Memória da Educação Física/UFGM.

**PEREIRA**, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História social no Futebol do Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

**SHARPE**, Jim. *A História Vista de Baixo*. In. **BURKE**, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo, Ed. UNESP, 1992. p.40-62.